

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE JORNALISMO

JOSÉ CARLOS SILVA DE ALMEIDA

**LONGFORM RESISTÊNCIA EM PIQUIÁ DE BAIXO: UMA JORNADA POR
JUSTIÇA AMBIENTAL E REPARAÇÃO INTEGRAL**

IMPERATRIZ – MA

2025

JOSÉ CARLOS SILVA DE ALMEIDA

**LONGFORM RESISTÊNCIA EM PIQUIÁ DE BAIXO: UMA JORNADA POR
JUSTIÇA AMBIENTAL E REPARAÇÃO INTEGRAL**

Relatório técnico apresentado ao Curso de Jornalismo,
da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como
requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel
em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Zarate Maciel

IMPERATRIZ – MA

2025

RELATÓRIO TÉCNICO

LONGFORM RESISTÊNCIA EM PIQUIÁ DE BAIXO: UMA JORNADA POR JUSTIÇA AMBIENTAL E REPARAÇÃO

Relatório técnico apresentado ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão – CCIM, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em : _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Zarate Maciel (orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Ricardo Alvarenga
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dra. Roseane Arcanjo
Universidade Federal do Maranhão

À minha família, alicerce inabalável em minha jornada acadêmica. Ao meu companheiro, Henrique, pela parceria inquebrantável. À minha mãe, Maria Silva de Almeida, exemplo de resiliência e amor. À comunidade de Piquiá de Baixo, cujas vozes ecoam neste *longform*.

AGRADECIMENTOS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso representa a concretização de um percurso acadêmico e o compromisso com a comunicação e a memória coletiva de uma comunidade em busca de reparação integral.

Agradeço à comunidade de Piquiá de Baixo pela receptividade e pela partilha de suas histórias de luta e resistência, às quais tive acesso inicialmente por meio do meu trabalho na ONG Justiça nos Trilhos, que assessorava comunidades impactadas pela mineração. Esse contato direto possibilitou uma compreensão profunda da realidade local e um olhar mais sensível para este projeto. Aos entrevistados, minha profunda gratidão pela contribuição à construção de uma narrativa voltada à justiça socioambiental.

À minha mãe, Maria Silva de Almeida, pelo apoio incondicional e pelo exemplo de dedicação, e ao meu companheiro, Henrique, pelo incentivo.

Ao meu orientador, professor Dr. Alexandre Maciel, cuja orientação foi fundamental para a conclusão deste trabalho. Conheço-o há muitos anos por ser esposo da professora Yara Medeiros, que inicialmente seria minha orientadora. Sua abordagem humanizada e dedicação foram essenciais para este TCC.

À professora Roseane Arcanjo, com quem tive contato desde 2014 e que possibilitou o acesso inicial à comunidade de Piquiá, onde realizei minhas primeiras reportagens. Em 2021, ao retornar à universidade, conheci o professor Ricardo Alvarenga, que também pesquisava Piquiá e com quem desenvolvi atividades acadêmicas relacionadas à comunidade.

Minha trajetória acadêmica inclui pausas e recomeços. Iniciei o curso de Comunicação Social/Jornalismo em 2013, interrompi em 2016 para cursar Direito em Goiânia e retomei em 2021, concluindo esta etapa em 2025, consolidando minha visão crítica e compromisso com a comunicação social e o jornalismo.

Aos professores e colegas do curso de Jornalismo da UFMA, pelo aprendizado e companheirismo. A todas as organizações e movimentos sociais que lutam por justiça ambiental e direitos humanos, minha gratidão. Que este trabalho contribua para ampliar o alcance dessas lutas e fortaleça a comunicação como instrumento de resistência e transformação social.

RESUMO

Este relatório técnico apresenta o processo de produção da reportagem multimídia *Resistência em Piquiá de Baixo: uma jornada por justiça e reparação integral* (<https://agenciamaraca.com.br/resistencia-em-piquia-de-baixo/>), que aborda a luta da comunidade de Piquiá de Baixo, localizada em Açailândia-MA, por justiça ambiental e reassentamento. A reportagem, desenvolvida no formato *longform*, combina texto, fotos, mapas e vídeos para narrar a trajetória de resistência dos moradores frente aos impactos da indústria siderúrgica e da mineração. O trabalho foi realizado por meio de pesquisa documental, entrevistas semiestruturadas e coleta de dados de campo, com o objetivo de ampliar as vozes da comunidade e promover a conscientização sobre os desafios enfrentados por populações afetadas por atividades industriais.

Palavras-chave: Justiça ambiental, reassentamento, Piquiá de Baixo, reportagem multimídia, resistência comunitária.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. METODOLOGIA.....	10
3. BASTIDORES, DESENVOLVIMENTO E ORÇAMENTO.....	12
4. MONTAGEM E ESCOLHA DAS CORES DO SITE.....	13
5. CRONOGRAMA.....	14
6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
7. ESTRUTURA DO LONGFORM.....	16
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	19
ANEXOS.....	22

1. INTRODUÇÃO

A longform Resistência em Piquiá de Baixo: Reportagem Multimídia sobre uma Jornada por Justiça Ambiental e Reparação Integral, disponível no link (<https://agenciamaraca.com.br/resistencia-em-piquia-de-baixo/>), tem como objetivo central documentar a luta contínua dos moradores da comunidade de Piquiá de Baixo, localizada em Açailândia, Maranhão, que enfrentam, há décadas, graves problemas socioambientais provocados pela instalação de indústrias siderúrgicas e pela atividade mineradora na região. Composta por aproximadamente 300 famílias, a comunidade sofre os impactos da poluição do ar, do solo e da água, além das consequências de um ambiente de trabalho precarizado e da ausência de infraestrutura básica. As condições de saúde, que incluem doenças respiratórias e cardiovasculares, estão intimamente relacionadas à liberação de poluentes das siderúrgicas, que operam sem as devidas medidas de controle ambiental.

A situação vivida por Piquiá de Baixo é um reflexo de um modelo de desenvolvimento industrial que, apesar de gerar lucros significativos, não se traduz em melhorias para a população local. De acordo com Santos (2018), Açailândia apresenta uma contradição entre o crescimento econômico gerado pelas indústrias e os altos índices de desigualdade social, pobreza e falta de investimentos públicos. Desde a década de 1980, cinco usinas siderúrgicas foram instaladas nas proximidades da comunidade, sem que houvesse um planejamento urbano adequado ou a mitigação dos impactos ambientais. A Estrada de Ferro Carajás (EFC) é um eixo logístico estratégico que transporta minério de ferro da Serra dos Carajás até o Porto de Ponta da Madeira, em São Luís.

Além disso, a ferrovia também é utilizada para escoamento de produtos como soja, combustível e celulose. Em Açailândia, a Vale mantém um entreposto de venda de minério de ferro, que abastece tanto o mercado interno quanto as siderúrgicas da região. As siderúrgicas instaladas em Piquiá de Baixo, como a AVB (Aço Verde do Brasil), anteriormente conhecida como Gusa Nordeste, e a Viena Siderúrgica, utilizam esse minério para a produção de ferro-gusa, matéria-prima essencial para a fabricação de aço. Além dessas empresas, a AVB expandiu suas operações para o setor de cimento.

A Companhia Siderúrgica do Vale do Pindaré (CVB), que anteriormente produzia ferro-gusa em Açailândia, foi vendida para a Suzano Papel e Celulose. A aquisição, no valor de US\$245 milhões, incluiu ativos florestais e imobiliários da CVB e da Cosima Siderúrgica do Maranhão, abrangendo 75 mil hectares de terras nos estados do Maranhão e do Tocantins. O objetivo da Suzano com essa compra foi aumentar o abastecimento de madeira para a

Unidade Imperatriz. A cidade de Açailândia possui uma infraestrutura consolidada para atender a essa cadeia produtiva, contando com a presença da Estrada de Ferro Carajás (EFC), um entreposto da Vale para distribuição de minério, além de ser cortada pela BR-222, o que facilita o escoamento da produção.

Historicamente, os moradores de Piquiá de Baixo estavam estabelecidos na região antes mesmo da emancipação de Açailândia como município, na década de 1960. No entanto, com a chegada das siderúrgicas e a intensificação das atividades industriais, a comunidade passou a conviver com os impactos ambientais e sociais resultantes desse processo. Dessa forma, Piquiá de Baixo encontra-se hoje cercada por siderúrgicas, pelo entreposto da Vale e pela infraestrutura logística que viabiliza a extração, transformação e transporte do minério e do aço produzido na região.

Dessa forma, a EFC desempenha um papel fundamental ao viabilizar o abastecimento das usinas e a distribuição dos produtos siderúrgicos para o mercado nacional e internacional. Contudo, esse modelo de produção intensiva também tem impactos significativos para a população local, agravando os problemas ambientais e sociais da comunidade. Esse cenário contribui para a degradação da região, afetando diretamente a qualidade de vida dos moradores de Piquiá de Baixo.

Além dos danos ambientais, a região sofre com o tráfego constante de caminhões e trens, poluição sonora, degradação do solo e da água e a falta de moradia adequada. O resultado dessa situação é a luta incessante pela justiça ambiental, conceito que se refere à distribuição equitativa dos benefícios e impactos ambientais entre todas as comunidades, independentemente de classe social ou origem étnica (ALMEIDA, 2012). No caso de Piquiá de Baixo, a justiça ambiental significa o direito a um ambiente livre de poluição e a um reassentamento digno, que garanta condições adequadas de habitação, saúde e infraestrutura.

O processo de reassentamento para o Piquiá da Conquista, que teve a obra finalizada em outubro de 2024, é uma tentativa de mitigar os danos, embora muitos moradores ainda aguardem pelo benefício. Esse reassentamento está diretamente ligado ao princípio de reparação integral, que não se resume apenas à transferência de famílias para novas moradias, mas também à restituição de direitos violados, como acesso à saúde, à educação e à qualidade de vida (PEREIRA et al., 2019).

A resistência dos moradores de Piquiá de Baixo se manifesta em ações coletivas, como o trabalho das "Mulheres Saudáveis", fundado por Sebastiana Costa, e o coletivo "Mulheres Artesãs de Piquiá de Baixo", liderado por Ana Maria Sousa, que têm desempenhado um papel crucial na promoção da saúde, do bem-estar e da solidariedade

dentro da comunidade. Essas iniciativas refletem a força de mobilização social e a busca por alternativas sustentáveis diante da adversidade imposta pelas indústrias.

A proposta deste longform é registrar e documentar as lutas e resistências enfrentadas pela comunidade de Piquiá de Baixo, não apenas em relação aos danos ambientais, mas também ao processo de reassentamento, abordando os desafios, as expectativas e as perspectivas dos moradores. Ao documentar essa jornada por justiça ambiental e reparação integral, busca-se ampliar o entendimento sobre as complexas dinâmicas entre as indústrias, o meio ambiente e a comunidade, com o intuito de promover um debate mais amplo sobre os impactos da atividade industrial em regiões vulneráveis.

Essa abordagem, que utiliza uma narrativa multimídia, proporciona uma imersão mais profunda nas histórias e conquistas dos moradores, ao mesmo tempo em que cria um espaço para que suas vozes sejam ouvidas e suas demandas reconhecidas. Espera-se que este longform contribua para a conscientização pública, incentivando ações efetivas em outras regiões que enfrentam desafios semelhantes, além de ampliar as perspectivas de um futuro mais sustentável e justo para as comunidades afetadas pela industrialização.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada para a elaboração da reportagem multimídia *Resistência em Piquiá de Baixo: Uma Jornada por Justiça Ambiental e Reparação Integral* segue uma abordagem qualitativa, com foco na investigação aprofundada das questões ambientais e sociais enfrentadas pela comunidade de Piquiá de Baixo. A pesquisa utilizou técnicas jornalísticas, com inspiração na pesquisa acadêmica, buscando combinar a análise crítica de documentos e a coleta de dados de campo com a produção de conteúdo multimídia.

A pesquisa documental e bibliográfica teve como objetivo fornecer uma base teórica e histórica sólida sobre os impactos ambientais e sociais da atividade industrial em Piquiá de Baixo, bem como as demandas da comunidade por reparação e reassentamento. Foram analisados relatórios de organizações não governamentais, documentos públicos e estudos acadêmicos que abordam a relação entre a industrialização e seus efeitos nas comunidades vulneráveis. Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é essencial para sustentar a análise de questões amplas, oferecendo um panorama teórico do tema em questão.

A coleta de dados de campo foi realizada por meio de visitas à comunidade de Piquiá de Baixo e ao reassentamento Piquiá da Conquista. Essas visitas ocorreram ao longo de 2024 e 2025 e envolveram a observação direta das condições de vida da comunidade, bem como a realização de entrevistas semiestruturadas com moradores, líderes comunitários e

representantes de organizações de apoio. As entrevistas buscavam capturar as perspectivas dos moradores sobre o processo de reassentamento, seus desafios diários e as expectativas em relação à reparação dos danos ambientais e sociais. As entrevistas também incluíram especialistas e representantes da Justiça nos Trilhos, uma organização que tem atuado na defesa dos direitos dos moradores de Piquiá.

A escolha dos personagens para a reportagem multimídia seguiu um critério de representatividade, levando em consideração a diversidade de vozes e perspectivas dentro da comunidade de Piquiá de Baixo, em Açailândia, Maranhão. A seleção foi orientada pela relevância dos personagens para a narrativa central da luta comunitária por justiça ambiental e reparação integral, além de seu papel ativo nas ações de resistência e na busca por uma vida digna.

Entre os principais personagens escolhidos, destacam-se Sebastiana Costa, líder comunitária e fundadora do grupo Mulheres Saudáveis, que atua na promoção da saúde e bem-estar das mulheres da comunidade e mobiliza ações sociais em Piquiá de Baixo; Ana Maria Sousa, líder do grupo Mulheres Artesãs de Piquiá de Baixo, cuja atuação com técnicas artesanais representa uma forma de resistência cultural e econômica, promovendo solidariedade e empoderamento feminino na luta por direitos; moradores afetados pela poluição industrial, selecionados para ampliar a problemática da poluição e seus impactos na saúde e na vida cotidiana, fornecendo uma visão realista e emotiva sobre as consequências da poluição ambiental e as condições de vida precárias enfrentadas pela comunidade; e lideranças comunitárias e representantes da Justiça nos Trilhos, movimento social que tem se dedicado à defesa dos direitos dos moradores e à busca por soluções de reassentamento.

A escolha dos personagens foi feita de forma a garantir a representação de diferentes perspectivas dentro da comunidade, com foco em líderes locais, membros de grupos de resistência e moradores diretamente impactados pelas questões ambientais. A intenção foi construir uma narrativa rica, que não só relatasse os problemas enfrentados, mas também apresentasse as ações de resistência e as possíveis soluções em andamento.

A produção de conteúdo multimídia foi uma das principais estratégias adotadas para proporcionar uma experiência imersiva aos leitores e transmitir a complexidade da luta da comunidade. Foram realizados registros audiovisuais, incluindo fotografias e vídeos, tanto de materiais inéditos quanto de arquivos históricos. Esses registros foram fundamentais para documentar visualmente as condições de vida e os impactos da poluição industrial. Além disso, a utilização de mapas ajudou a contextualizar espacialmente as transformações na região e os impactos ambientais gerados pelas atividades industriais.

A reportagem foi estruturada em formato de longform, com capítulos interligados que abordam, de forma detalhada, a história da comunidade, os desafios enfrentados, as conquistas e as lutas pelos direitos à moradia digna e à reparação ambiental. A edição dos conteúdos foi realizada com base nos dados coletados em campo, buscando organizar as informações de maneira coesa e envolvente, de forma a proporcionar uma narrativa que conecta os diferentes elementos da história de Piquiá de Baixo.

3. BASTIDORES, DESENVOLVIMENTO E ORÇAMENTO

A produção da reportagem multimídia *Resistência em Piquiá de Baixo: Uma Jornada por Justiça Ambiental e Reparação Integral* transcende o cronograma formal da pesquisa. O trabalho de campo seguiu a estrutura prevista para o projeto acadêmico, sendo realizado ao longo de um semestre, com a produção concentrada entre outubro de 2024 e janeiro de 2025. No entanto, as bases desta reportagem foram construídas ao longo de muitos anos de convivência e acompanhamento da comunidade de Piquiá de Baixo.

Durante esse período, houve um estreito contato com os moradores, possibilitando a compreensão das narrativas locais e das problemáticas ambientais enfrentadas. Esse contato contínuo, somado a arquivos e documentos inéditos, tornou-se essencial para a construção da reportagem, fornecendo alicerce para as entrevistas e questionamentos na fase de apuração.

A produção da reportagem enfrentou desafios, como a necessidade de conciliar o projeto acadêmico com a atuação profissional na assessoria de comunicação da Secretaria Municipal de Saúde de Grajaú. A rotina intensa de trabalho impactou o ritmo de produção, exigindo organização e planejamento para garantir a conclusão do material. Outro desafio foi o acompanhamento dos moradores que ainda permanecem em Piquiá de Baixo, mesmo após anos de negociações para reassentamento.

A reportagem revelou que algumas famílias ainda aguardam a lista de beneficiários para o Jardim de Alídia, enquanto outras reivindicam aluguel social. A questão do destino do antigo terreno de Piquiá de Baixo também emergiu como um ponto central da apuração, com discussões sobre a possível criação de um parque ambiental no local.

A produção do site não gerou custos diretos, pois foi utilizada a plataforma WordPress da Agência Maracá, permitindo a criação da página sem necessidade de conhecimentos avançados em programação e garantindo uma personalização eficiente. Os principais custos envolvidos no projeto foram referentes aos deslocamentos entre Grajaú e Açailândia, essenciais para a realização das entrevistas e coletas de dados em campo.

As entrevistas ocorreram na comunidade de Piquiá de Baixo, no reassentamento Piquiá da Conquista e na sede da organização Justiça nos Trilhos. Para esses deslocamentos, foram utilizados transportes por aplicativos, como Uber e 99, além de outros meios locais. Os registros de entrevistas foram feitos em áudio, vídeo e texto, utilizando diferentes equipamentos para garantir a fidelidade das informações.

Além disso, foram capturadas imagens aéreas por drone para documentar visualmente as transformações da comunidade. Durante a apuração, foi analisado um grande volume de documentos, backups de arquivos históricos, fotografias e textos sobre projetos em andamento na comunidade. Também foram estudados acervos de produção científica relacionados ao tema, garantindo embasamento sólido para o material produzido.

4. MONTAGEM E ESCOLHA DAS CORES DO SITE

A concepção do site exigiu um planejamento cuidadoso de design e organização visual. A escolha do WordPress foi motivada tanto pela minha experiência prévia com a plataforma quanto por recomendações de usuários que relataram facilidade na utilização e personalização. No entanto, mesmo contando com várias opções de layout, nem todas se encaixam na proposta inicial do projeto, exigindo adaptações ao longo do desenvolvimento.

A primeira etapa foi a criação da capa, na qual optei por destacar imagens impactantes relacionadas à reportagem. A apresentação visual foi ajustada conforme o objetivo da narrativa, garantindo um equilíbrio entre o aspecto informativo e a imersão do leitor. Por se tratar de uma reportagem multimídia, foi essencial estruturar o site de forma a integrar diversos elementos, como textos, vídeos, gráficos e entrevistas incorporadas pelo YouTube. A página foi dividida em cinco capítulos, acessíveis no menu principal, organizados de maneira intuitiva para facilitar a navegação do usuário.

O design foi testado em diferentes dispositivos, considerando aspectos como legibilidade, usabilidade e responsividade. Também explorei efeitos e animações que pudessem tornar a experiência mais dinâmica e atraente para o público. Na escolha das cores do site, levei em consideração os impactos visuais e emocionais que cada tonalidade transmite. O esquema de cores definido foi composto pelas seguintes cores e seus respectivos códigos hexadecimais:

- **Preto (#000000):** utilizado para realçar elementos gráficos e proporcionar contraste adequado, garantindo melhor legibilidade.

- **Verde escuro (#3D5A3D):** associado à natureza, sustentabilidade e equilíbrio, reforçando a identidade ambiental da reportagem.
- **Verde médio (#698569):** tom complementar ao verde escuro, proporcionando harmonia e suavidade na composição visual.
- **Branco (#FFFFFF):** representa clareza, exatidão e neutralidade, contribuindo para um layout limpo e harmonioso.

Essas escolhas foram fundamentadas em estudos sobre a psicologia das cores, que indicam que diferentes tonalidades despertam emoções e sensações distintas no público. Conforme Guimarães (2022 apud Fernandes & Benigni, s.d.), os significados das cores variam de acordo com o contexto cultural e social, reforçando a importância de uma seleção cuidadosa para garantir coerência na comunicação visual do site.

5. CRONOGRAMA

Atividade	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.
Definições das pautas / início das entrevistas.	X			
Finalização das entrevistas / organização do material.		X		
Produção da reportagem.		X	X	
Produção do site para exposição do projeto e construção do relatório.			X	X

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O referencial teórico deste relatório técnico baseia-se em conceitos e abordagens interdisciplinares que contribuem para a compreensão dos aspectos abordados na reportagem multimídia *Resistência em Piquiá de Baixo: Uma Jornada por Justiça Ambiental e Reparação Integral*. A pesquisa trata da resistência dos moradores de Piquiá de Baixo frente às injustiças ambientais e do processo de reassentamento comunitário, enfatizando a luta por direitos e as transformações sociais decorrentes desse movimento. Para abarcar a complexidade do tema, o formato escolhido para a reportagem é o longform, que, segundo Longhi (2014), representa uma evolução na narrativa jornalística digital.

Esse formato se caracteriza por matérias extensas, contendo mais de 4 mil palavras, ou grandes reportagens entre 10 e 20 mil palavras, ganhando destaque nos últimos anos e sendo adotado por portais e jornais on-line. Conforme Medina (2003), a reportagem é um gênero jornalístico que vai além da notícia, explorando a narrativa de um fato de forma mais ampla e explicativa, exigindo habilidades narrativas e um estilo envolvente que motive o leitor a continuar a leitura até o fim.

A produção da reportagem *Resistência em Piquiá de Baixo: Uma Jornada por Justiça Ambiental e Reparação Integral* foi fundamentada em quatro áreas teóricas principais. A primeira aborda a justiça ambiental e desigualdades socioambientais, com base em autores como Almeida (2012) e Costa e Braga (2005). Almeida (2012) argumenta que os governos estaduais do Maranhão priorizam grandes empreendimentos agrários e industriais sob a justificativa do crescimento econômico, sem considerar os impactos socioambientais para as comunidades locais, gerando conflitos como a concentração de terras e a invasão de territórios étnicos. Costa e Braga (2005) reforçam que a justiça ambiental implica garantir que nenhum setor da sociedade, independentemente de origem étnica, racial ou classe social, seja desproporcionalmente afetado por danos ambientais.

A segunda área teórica enfoca a mobilização comunitária, comunicação e movimentos sociais, analisando estratégias de comunicação da comunidade de Piquiá de Baixo com base em Peruzzo (2009) e Santos (2018). Peruzzo (2009) explica que a comunicação popular surgiu como alternativa ligada aos movimentos sociais das décadas de 1970 e 1980, tornando-se ferramenta essencial para organização comunitária e luta por direitos. Santos (2018) destaca que a comunicação nos movimentos sociais tem caráter interativo e dialógico, fortalecendo redes como a Rede Justiça nos Trilhos, que defende populações afetadas pela Vale S.A.

A terceira área aborda o reassentamento e reparação integral, discutidos por Pereira et al. (2019), que entendem o reassentamento como resposta à violação de direitos ambientais e humanos, exigindo reparação integral que inclua não apenas compensações financeiras, mas também reestruturação social e econômica. A quarta área trata das narrativas e comunicação multimídia em grandes reportagens, com contribuições de Longhi (2014) e Medeiros (2020). Longhi (2014) afirma que o jornalismo longform consolidou-se na terceira fase do jornalismo online, utilizando tecnologias como parallax scrolling e HTML5 para criar experiências imersivas. Medeiros (2020) ressalta o papel de plataformas como a Agência Pública na visibilização de grupos marginalizados.

Além disso, Ijuim (2017) defende a humanização do jornalismo, apontando três situações críticas: quando caricaturiza o ser humano, ignora a complexidade do fenômeno ou não reconhece o outro. O autor enfatiza que “o compromisso social do profissional e a elevação da consciência para um pensamento pós-abissal são fundamentais” (IJUIM, 2017, p. 242). Medina (2007, p. 23) define a reportagem como uma prática que supera o “retrato” da realidade, buscando uma “escritura que irradia luz e nasce da visão de mundo complexa, informada e sensível à dialogia social”. Amaral (2021, p. 206) reforça a importância de priorizar a palavra das vítimas sem abandonar o confronto de versões e a busca por fontes primárias.

Estudantes e pesquisadores da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) têm documentado as lutas de Piquiá de Baixo. Em 2015, Julielli Soares e Mikael Carvalho produziram o documentário *Desenhando um Sonho: a história de luta de Piquiá de Baixo* (SOARES; CARVALHO, 2015), retratando a poluição industrial e a luta por reassentamento. Em 2023, Idayane Ferreira analisou, em sua dissertação, os desafios da cobertura jornalística desses conflitos, como a falta de transparência de empresas e governo (FERREIRA, 2023). Desde 2019, o projeto *Cartografia Social de Piquiá de Baixo* (ARCANJO et al., 2019), coordenado pela professora Roseane Arcanjo, documenta memórias e ativismos da comunidade através de entrevistas e publicações científicas. Essas iniciativas refletem o compromisso acadêmico com as lutas socioambientais, articulando teoria e prática para amplificar vozes historicamente silenciadas.

7. ESTRUTURA DO LONGFORM

A estrutura do longform *Resistência em Piquiá de Baixo: Uma Jornada por Justiça Ambiental e Reparação Integral* combina texto extenso e aprofundado com elementos multimídia, como imagens, vídeos, áudios e mapas interativos. Essa abordagem visa oferecer

uma experiência mais completa ao leitor e potencializar o impacto da narrativa. A seguir, apresento o detalhamento do conteúdo de cada capítulo.

O primeiro capítulo apresenta o histórico da comunidade de Piquiá de Baixo, abordando suas origens, a instalação do pólo siderúrgico e os primeiros impactos ambientais e sociais enfrentados pelos moradores. Este capítulo discute a relação dos moradores com o rio Piquiá e os danos ambientais causados pela poluição industrial, enfatizando os desafios enfrentados pela comunidade devido à contaminação da água e dos solos. Este capítulo explora a história de duas jovens descendentes de famílias antigas de Piquiá de Baixo, que cresceram acompanhando a luta pelo reassentamento, mas não foram incluídas no Piquiá da Conquista.

Embora tenham constituído suas próprias famílias, enfrentam dificuldades por não poderem mais residir na comunidade de origem. Agora, lutam por moradia digna e pelo direito ao aluguel social, evidenciando como a busca por justiça ambiental e reparação integral se perpetua entre gerações. O capítulo aborda a conquista do reassentamento Piquiá da Conquista, destacando o papel da mobilização comunitária, as dificuldades enfrentadas e as vitórias alcançadas pelos moradores. Este capítulo reflete sobre os desafios que ainda persistem para a comunidade, especialmente para os moradores que não foram contemplados pelo reassentamento.

Além disso, explora os sentimentos e depoimentos da população sobre o destino do terreno de Piquiá de Baixo após a desocupação. Com o reassentamento em andamento, o capítulo acompanha o cenário atual, marcado pela demolição de algumas casas e pela incerteza das famílias que ainda não têm para onde ir, evidenciando a continuidade da luta por justiça ambiental e reparação integral.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não se encerra com a conclusão da reportagem multimídia. A jornada por reparação integral em Piquiá de Baixo continua, e novas abordagens podem ser exploradas por pesquisadores, jornalistas e pelos próprios moradores. O processo de reassentamento não representa um ponto final, mas sim uma fase de transição que levanta novas questões. O destino do antigo terreno, por exemplo, será tema de futuros estudos e debates. A comunidade segue sendo um espaço de resistência e produção de conhecimento, onde diferentes formas de pesquisa científica e iniciativas de memória podem contribuir para a compreensão das transformações sociais e ambientais da região.

Vivemos em tempos de crises climáticas e de um modelo de produção capitalista que frequentemente negligencia a natureza e os seres humanos. Ademais, o contexto pós-pandêmico e a era digital impõem desafios adicionais, incluindo a propagação da desinformação. Piquiá de Baixo reflete essa complexidade, evidenciando a resiliência humana e os processos de reinvenção e reconstrução, mesmo diante da destruição. Apesar das adversidades, os moradores seguem resistindo e lutando por seus direitos.

A divulgação deste material seguirá por múltiplos caminhos, abrangendo plataformas jornalísticas, redes acadêmicas e comunitárias. A reportagem, como produto final deste trabalho, será apresentada a diferentes públicos, buscando ampliar essas vozes por reparação integral e fortalecer a comunicação popular. As pessoas já possuem voz; nosso papel é amplificá-la, contribuindo para que essa narrativa siga viva e seja apropriada pela comunidade.

No âmbito pessoal, este projeto não foi apenas um exercício jornalístico, mas uma experiência transformadora. O convívio com os personagens, suas histórias e desafios reafirmou a importância do jornalismo ambiental e de direitos humanos como uma prática que ultrapassa a simples documentação dos fatos. A proximidade com essas realidades gera um impacto profundo, pois a comunicação não é uma esfera isolada do processo social, mas parte ativa dele. A reportagem cumpre um papel social para amplificar as vozes de quem vive essas mudanças e ao registrar as complexidades desse percurso.

A luta por justiça socioambiental em Piquiá de Baixo não é apenas um tema de pesquisa ou uma pauta jornalística. Ela reflete a defesa da vida em sua integralidade. Este trabalho reafirma que cada indivíduo nesse processo social é fundamental e que narrativas bem construídas podem contribuir para ampliar o debate e reforçar a memória coletiva.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. *Justiça ambiental e os conflitos socioambientais no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- AMARAL, Marina. *Não mintam para nós: público se une a jornalistas em busca da verdade*. In: _____. *Tempestade perfeita: sete visões da crise do jornalismo profissional*. Rio de Janeiro: História Real, 2021.
- BACCI, C. *A narrativa jornalística e o formato longform: uma análise da reportagem digital*. Florianópolis: UFSC, 2015.
- BENJAMIN, W. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRUSTOLIN, Cíndia (Org.). *Liberdade caça jeito: a história de todos na história de cada um*. São Luís: EDUFMA, 2019.
- CARVALHO, Leandro Vargas Barreto de; CHAVES, Gerliane da Silva; SILVA, João Paulo Alves da. *Relatório sobre trabalho de monitoramento ambiental comunitário em área próxima de grande complexo siderúrgico na localidade de Piquiá (Açailândia/MA)*. Abril, 2021. Disponível em: <https://justicanostrilhos.org/wp-content/uploads/2022/08/Relatorio-Monitoramento-Ambienta-l-Comunitario-qualidade-do-ar-Piquia-2021.pdf>. Acesso em: out. 2024.
- COSTA, M.; BRAGA, R. *Justiça Ambiental: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.
- FERREIRA, Idayane da Silva. *Processos de apuração jornalística na cobertura dos conflitos socioambientais Piquiá de Baixo e Cajueiro entre 2015 e 2021*. 2023. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2023. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMA_2c61f5cd79680387ca9b24c9a46f72f1. Acesso em: 10 jan. 2025.
- FIDH; JUSTIÇA NOS TRILHOS. *Piquiá foi à luta: um balanço do cumprimento das recomendações para abordar as violações aos direitos humanos relacionadas à indústria da mineração e da siderurgia em Açailândia, Brasil*. Disponível em: <https://justicanostrilhos.org/wp-content/uploads/2022/08/Relatorio-Piquia-foi-a-Luta.pdf>. Acesso em: out. 2024.
- IJUIM, J. *Jornalismo humanizado: narrativas que dão voz aos personagens*. São Paulo: Intercom, 2012.
- IJUIM, J. K. *Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas*. *Revista Comunicação Midiática*, Bauru, SP, v. 7, n. 2, p. 117–137, 2012. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/290>.
- _____. *Por que humanizar o jornalismo (?)*. *Revista Verso e Reverso*, Florianópolis, v. 31, n. 78, p. 235-243, 2017. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2017.31.78.07>.

IMIRANTE. *Documentário mostra lutas da comunidade de Piquiá de Baixo*. Imirante.com, 03 ago. 2015. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2015/08/03/documentario-mostra-lutas-da-comunidade-de-piquia-de-baixo>. Acesso em: 10 jan. 2025.

JUSTIÇA NOS TRILHOS. *Professores e estudantes de 3 universidades visitam reassentamento de Piquiá da Conquista*. Justiça nos Trilhos, 21 maio 2022. Disponível em: <https://justicanostrilhos.org/professores-e-estudantes-3-universidades-visitam-reassentamento-de-piquia-da-conquista/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

LENZI, C. *A reportagem multimídia na web: um estudo sobre narrativas inovadoras*. São Paulo: Unesp, 2016.

LIMA, E. *Jornalismo e realidade social: a construção de narrativas humanizadas*. Brasília: Editora UnB, 2014.

LONGHI, R. *Jornalismo digital e novas narrativas: o formato longform*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LONGHI, R.; WINQUES, K. *As transformações da narrativa jornalística na era digital*. *Revista Brasileira de Jornalismo Digital*, v. 1, n. 2, p. 180-200, 2015.

MEDEIROS, L. *Comunicação e inovação no jornalismo digital: o impacto da narrativa multimídia*. São Paulo: Paulus, 2020.

MEDINA, C. *O texto da reportagem*. São Paulo: Ática, 2003.

MEDINA, Cremilda. *Jornalismo e signo da relação: a magia do cinema na roda do tempo*. In: *Revista Líbero*. Ano X, n. 19, jun. 2007.

MORAES, F. *Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral*. *Revista Extraprensa*, 12(2), p. 204-219, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.153247>.

MORAES, J.; GOUVEIA, P. *Jornalismo e emoção: a importância da humanização na reportagem*. *Comunicação & Sociedade*, v. 40, p. 98-115, 2018.

PEREIRA, R.; CHAVES, M.; LIMA, S.; SILVA, P.; SILVA, R.; CARVALHO, T. *Reassentamento e reparação integral em comunidades afetadas por grandes projetos*. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

PERUZZO, C. *Comunicação popular e comunitária: fundamentos e desafios*. São Paulo: Vozes, 2009.

SANTOS, M. *Comunicação e mobilização social: o papel das redes na luta por direitos*. Recife: UFPE, 2018.

SANTOS, Yara Medeiros dos. *Jornalismo visual nas narrativas da grande reportagem brasileira*. Recife, 2020.

SOARES, Julielli; CARVALHO, Mikael. *Desenhando um sonho: a história de luta de Piquiá de Baixo*. Direção: Julielli Soares. Açailândia: Universidade Federal do Maranhão,

2015. Documentário (19 min). Disponível em:
<https://imirante.com/noticias/imperatriz/2015/08/03/documentario-mostra-lutas-da-comunidade-de-piquia-de-baixo>. Acesso em: 10 jan. 2025.

ANEXOS



Registro com as entrevistadas Ana Maria e Alessandra em Piquiá de Baixo; Foto: Carlos Henrique



Ana Maria em Piquiá da Conquista.
Imagem: Captura de tela / José Carlos Almeida.



Eu e Sebastiana na frente de sua casa em Piquiá
de Baixo, foto: Carlos Henrique Pereira



Dona Tida concedendo entrevista no dia da entrega das casas.

Foto: Arquivo pessoal.



Dona Bela sendo entrevistada em frente à Igreja São José, em Piquiá de Baixo. Foto: arquivo pessoal.



Poster capa: Sebastiana e Ana. Fonte: José Carlos Almeida.



Eu e Sebastiana segurando os boletins da comunidade. Foto: Yanna Duarte.



Foto área de piquiá de Baixo, com visão das siderúrgicas ao fundo. Foto: José Carlos Almeida